

JOÃO LEONARDO MEDEIROS

PURGATÓRIO-21
(CURTÍSSIMO CONTO TEOLÓGICO-METODOLÓGICO)

PURGATÓRIO-21¹ (CURTÍSSIMO CONTO TEOLÓGICO-METODOLÓGICO)

Talvez daí, da força dos textos, provenha o baralhar atual entre história e estória, pois a história decerto tem seu curso, impõe suas condições e produz seus efeitos, mas a história é apreendida por meio de umas tantas estórias e as estórias movem os seres humanos, de sorte que estes agem sob o efeito de ambas, história e estória, fazem história sob a pressão anônima da história e informados pelas estórias que se contam sobre a história, de tal modo que as estórias determinam a história e a história determina as estórias.

Mario Duayer

Consta que o metodólogo da análise econômica estava prestes a ingressar no Céu. Vinha preocupado, consternado com as consequências desastrosas de seus atos pecaminosos, pecados que julgava serem suficientes para posicioná-lo no lado direito de Satanás, nos quintos dos infernos. A preocupação não era com os pecados, digamos, privados. Fora um

JOÃO LEONARDO MEDEIROS

Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense, pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxista e atual Presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política.

¹ Esse artigo tem o propósito de homenagear Mario Duayer, que certamente não se ofenderia com o descarado plágio estilístico de um de seus inesquecíveis trabalhos, entre outras razões porque o texto original já era um declarado plágio estilístico (segundo Mario, em parte de Saramago, em parte de Borges). Escrito, ao que me lembre, no ano de 1997 e publicado na Revista da SEP número 2, de junho de 1998, “Purgatório (Curto Conto Teológico-Metodológico)” é considerado um marco da reflexão original de Mario Duayer no campo da filosofia da ciência econômica. Sem a pretensão de alcançar a qualidade irreprodutível do consagrado trabalho, espero que o resultado ao menos faça os leitores recordarem da genialidade e da ousadia intelectual de Mario. Também devo dizer que não foi sem hesitação que publiquei um texto sobre a morte no contexto de uma pandemia que ceifou centenas de milhares de vidas só no Brasil, inclusive a do próprio homenageado. Espero que não seja tomado como ofensa, mas sim como uma necessária reflexão sobre as condições ideológicas que contribuíram para gestar a barbárie em que vivemos, uma realidade que se iguala às distopias mais tenebrosas.

bom homem. Correto, leal, tolerante, honesto, democrático. Como todo ser humano, tinha naturalmente se deixado levar por algumas fraquezas, um exagero em substâncias aqui, uma desimportante infidelidade acolá, uma trapaceada no campeonato de xadrez da escola, coisas do gênero. Nada pesado a expiar, nenhuma ofensa grave, nenhuma acusação que pudesse ter maculado seu funeral, tão concorrido, lotadíssimo, com tanta lágrima, com tanta coroa de flores, com tanto discurso comovente. O que poderia lhe tirar o habitual bom sono, se algo como isso ali ainda houvesse, seria aquilo que fez como professor, pesquisador, polemista. Fora um daqueles que se julgavam intelectuais engajados, mas que nada mais fizeram que entusiasticamente descascar a verdade como uma banana para que fosse amassada por cientistas sociais e até da natureza e, ao lado deles, por charlatães de toda espécie, laicos e religiosos. Caldeirão não é um bom pensamento para quem teme acabar no Inferno, mas adequado para a sentença que recorda que foram os tais charlatães que aqueceram o caldeirão do irracionalismo e, com ele, – foi sua última reflexão antes de deixar o plano inferior – do retorno do fascismo e de outras barbaridades. Talvez, se as figuras divinas que por ele certamente aguardavam concedessem-lhe a graça da defesa, conseguiria algum alento para o seu inglório destino final e perpétuo lembrando-lhes da condição cultural de sua época, de seu apego a determinados valores, inclusive político-ideológicos, mas sobretudo de sua preocupação em salvar jovens estudantes, meninas e meninos, sufocados por prescrições rígidas, procedimentos analíticos rigorosos, testes e mais testes e mais testes, modelos e mais modelos e mais modelos, mentes antes livres agora oprimidas pelas deduções, induções, hipóteses e novamente testes. Pensara ser sua única salvação. Havia algo mais no mundo que o rigoroso método científico. Quem teria lugar de fala mais bem posicionado e falante do que o de um professor de metodologia de uma ciência arrogante como a *Economics* para demonstrar que a poesia importa, que a arte importa, que a cultura local importa, que tudo isso fala a “verdade” do mundo em condição de igualdade com a pretenciosa ciência? Sua tênue esperança era que, por alguma razão que naturalmente não seria a ignorância, mas

que talvez pudesse ser a misericórdia, fosse-lhe dado o direito de usar o que havia exercitado e ensinado por muitas décadas: a capacidade retórica, a habilidade em manejar narrativas.

Fiava-se, portanto, que o juízo final fosse mesmo um juízo e não apenas um final. Enquanto tais pensamentos esperançosos, mas inseguros, ocorriam-lhe no que outrora chamaria de cabeça pensante – mas como falar da cabeça pensante de alguém que, a rigor, não tem mais cabeça, nem tronco ou membros?–, finalmente vislumbrou – sabe-se lá como, pois sem cabeça para guardar pensamentos, também não havia onde meter olhos ou ouvidos – uma figura desconcertante. A imagem de anjo que trazia da vida mundana era aquela das pinturas renascentistas, o que sempre lhe causou certo asco, pois anjo era sempre menino, sempre branquíssimo e ainda por cima loiro com cabelos cacheados, uma espécie de CEO em gestação, o que significa dizer que só homem rico ou quase isso podia ser anjo no lugar em que nasceu e cresceu. Mas eis que surgiu diante de si – e já sabemos que não sabemos como – uma mulher negra, que soube ser anjo apenas porque carregava, na imagem formada no éter ou o que quer que fosse, asas inconfundíveis. Trazia conforto, de certo modo, a imagem, mas não a ponto de esquecer que seu *lattes* estava carregado de provas, parecendo uma delação premiada em forma de currículo, bastando um confere nos títulos dos trabalhos ou nos resumos das pesquisas para constatar sua inegável culpa no cartório. Cartório era uma palavra certamente inapropriada para tão santificado ambiente, mas em conformidade com o que supunha ser o destino reservado para si, sobretudo se seus pensamentos sem cabeça não pudessem sair do que só podia ser, por coerência linguística e lógica, uma boca sem cabeça. Entre o Céu e o Inferno, estava a sua boca, ou o que a representasse no *post mortem*.

Mas quem vocalizou sem boca real-concretafoi a senhora anjo, ou anja, deveríamos dizer com correção. Ou ainda anje ou anjx, posto que, como todos sabem, ou todas, ou todes, ou todxs, anjo, anja, anje, anjx, não tem sexo, gênero ou orientação sexual. A figura era sem dúvida feminina, mas se não

havia de fato uma figura em condição de anje não caíde, mas subide ou suspense, como é que essa figura poderia ser feminina? Pensou na cabeça que pensa sem ser cabeça, sua não-cabeça, que tal pensamento só lhe ocorreu porque se trata de uma mulher e negra, pois se tivesse a forma asquerosa do anjo-protó CEO, jamais teria refletido sobre a conformidade entre imagens. Com isso tudo de anjo, anja, anje, anjx, o que se operou, no entanto, foi algo que de milagreiro não tem nada, sendo antes tão corriqueiro em vida terrena quanto passar manteiga no pão, isto é, a interrupção da fala de uma figura negra feminina. Mas a anje não precisava de autorização ou imposição em ambiente celestial no qual a fala predominante é sempre, com o perdão da tautologia, a de quem possui uma posição celestial hierarquicamente superior. Se ainda se tratasse de um apóstolo ou do Senhor em presença inesperada, não haveria boca de anje aberta, mas contra um ex-mortal, agora morto e ansioso, bastava dizer e pronto. E disse: o juízo foi feito e serás encaminhado ao Céu, após curto estágio de preparação naquilo que se convencionou chamar de Purgatório.

O professor era chegado a ditos populares antes de juntar os pés no caixão, de modo que não lhe saiu da cabeça uma máxima muito conhecida e ademais apropriada para a situação, aquela que relaciona o tamanho da esmola à desconfiança do santo. Escolheu, com o zelo de um filólogo, as palavras adequadas para que não exalasse, por algum orifício de seu corpo moribundo, a impressão de desfeita à anje, aos demais querubins, sefarins, santes, apóstoles e tudo mais até o Senhor – a quem não ousaria chamar de Senhora, pois se tomado como ofensa poderia reverter a dádiva que acabara de receber. Encadeou cinco ou seis hōsanas no pensamento etéreo e alegou cautelosamente que não poderia ficar num espaço sem tempo e num tempo sem espaço sem conhecer as mais sagradas razões que instruíram a decisão dadivosa. Antes mesmo que o raciocínio tomasse o rumo final na estrada da eternidade interveio a anje com o comunicado de que, sim, era um juízo, sim, era final, mas não, não era irreversível. Quando encaminhamos ao Inferno, disse a sagrada figura, refletimos uma última vez antes de corroborar a sentença com a chancela divina e, em situações extremas, oferecemos ao

pobre candidato a capacho de Satanás a oportunidade de fazer juízo de tanto pecado. Permitia-se, com isso, que se apontasse um indício de arrependimento em vida que certamente não teria passado despercebido ao sagrado e perfeito juízo, mas que, por alguma razão daquelas que não poderíamos alcançar, teria sido relegado ao segundo plano. Com tudo o que em Terra se faz colocando-se o Senhor no meio, ele realmente já está de saco cheio, se me concedem o perdão da indelicadeza. De todo modo, trata-se, no caso, de um destino mais nobre, de maneira que há espaço relativamente amplo para perguntas e respostas.

Mas é preciso que algo esteja muito claro, prosseguiu a anje. A iluminada figura fez uso de um rosário inteiro de palavras para transmitir uma mensagem que pode ser sumariada tomando-se por base uma sentença-chave: o Céu é relativo à crença terrena. A relatividade em questão não se refere, contudo, aos lugares-comuns do aquém-Além, segundo os quais o Céu cristão é pura branquitude e calma das nuvens, enquanto o paraíso islâmico é um harém abarrotado de virgens para os homens e sabe-se lá o que para as mulheres, o dos judeus, isso, o dos ciganos, aquilo. Isso tudo não passa de bobagem mundana que não resiste à primeira trombeta do apocalipse. O ponto, para dizê-lo sem circunlóquios, é que o Céu é relativo às crenças individuais, idiossincráticas, aquelas que não vazam de uma cabeça à outra, mas que são determinadas pelas culturas, diversas e mutáveis como são. Então o Céu é regido pelo manifesto anarquista de Feyerabend, supôs o outrora professor, sem expressar a ideia em forma discernível, como se pudesse guardar segredo. Claro que não, rechaçou a anje, pois Feyerabend falou isso da boca para fora nos anos 1970. De fato, já na década de 1990, como sabem aqueles que tiveram a paciência de acompanhá-lo até lá, encontrava-se temente como o coroinha que chamou a hóstia de pão ázimo, percebendo-se como o carrasco que havia produzido uma chacina cultural. Procurou, ainda que tola e tardiamente, expiar sua culpa. Em tom grave e solene, a anje descreveu Feyerabend como uma alma aprisionada numa figura esquisitíssima, que mais parecia um centauro da filosofia da ciência. Se corpo houvesse, Feyerabend seria *demi Mach*, *demi Latour*, metade

fanático racionalista, metade rigoroso irracionalista, positivista e culturalista, razão pela qual segue se percebendo como Feyerabend, mas sendo percebido como Schlick.

Quanto ao Céu, com todo aquele floreio, o que a mensageira do Senhor pretendia dizer é que o morto-metodólogo, mortodólogo – neologismo conveniente, posto que se trata do metodólogo de uma ciência há muito defunta –, deveria buscar não apenas nas crenças que cria, mas sobretudo nas que professava, a figura do celeste destino. Não foram poucas as aulas, palestras, conversas, videoconferências e que tais que havia tentado convencer interlocutores de todas as procedências e titulações de que, digamos, a química não tinha realmente capacidade de se arvorar como uma forma de consciência superior em termos de representação do mundo com relação à alquimia. Não importa realmente se, em seu íntimo, com a cabecinha no travesseiro, acreditava ou não que os materiais a partir dos quais se produziu tanto celular, tanto chiclete, preservativo, tinta, manta asfáltica, remédio, cotonete etc. etc. etc. poderiam ter sido desenvolvidos com o “saber” alquímico. Se não cria, parecia crer. A mudança derradeira e tardia de opinião, ou paradigma, poderia ser dito, não havia passado despercebida ao Senhor – posto que nada passa –, mas o memorial preparado para defesa no juízo final é igual àquele preparado para alcançar a prestigiosa posição do professor titular: vale o conjunto da obra. E o conjunto da obra tinha uma inclinação predominante facilmente discernível, que ressoava como um encantamento pelas linhas curriculares.

A linguagem, para ir diretamente ao que importa, foi percebida e descrita como um caramelo, que amolece à medida em que é esticada e que – também vale a recíproca – é esticada à medida que amolece. A metáfora caramelizada, embora doce, talvez seja por demais dura, de modo que é melhor falar logo que a linguagem sempre foi percebida como passível de uma manipulação ilimitada, como se pudéssemos, de modo regular na irregularidade, descrever algo aqui como x porque queremos a ; e descrever o mesmo algo ali como o seu oposto, y , porque queremos b . Ainda que

conseguíssemos assim obter *a* e *b*, seria difícil convencer alguém sóbrio que *x* e *y* poderiam ser a descrição de um mesmo algo, sendo antes opostos, a não ser que este alguém não estivesse mesmo sóbrio ou fosse antes convencido de que tanto faz, desde que se obtenha o que se quer. Sobraria apenas para os pobres dos dicionaristas que tivessem que registrar essa linguagem, pois na ausência de conceitos universais e abstratos, cada verbete seria infinito conforme as infinitas possibilidades singulares de sua manifestação. Esse relativismo extremo, que julga cada palavra como uma potencial arma de destruição em massa das culturas, foi justificado pela extrema tolerância com minorias de toda ordem. Pois bem, o Céu de um extremo tolerante, extremamente tolerante será.

Se isso não parece mal, ou mau, ou mal mau, é porque falamos de minorias como se soubéssemos quem são, do mesmo modo como sabemos rezar o pai nosso, crendo ou não. Tomando o conjunto da humanidade, os nazistas não formam uma minoria? Estarão perto de si em seu Céu tolerante e não como penitência, mas como homenagem póstuma a ideias hoje para lá de vivas, que foram ressuscitadas em Terra com o auxílio luxuoso do caramelo linguístico. Alto lá, exaltou-se, mas também se animou o professor, certo de que entrara num terreno confortável para a autojustificação. Fez soar o tal “Alto lá” tão alto e tão lá que a anje teve de conter os demais querubins, serafins e afins, que já perdiam a paciência com o prolongamento de caso tão simples de concessão de graça numa época em que a antessala do Além estava abarrotada de almas, a ouvirem a interpelação que de antemão conheciam, só para que fosse pronunciada por quem de direito. Mas a tolerância, e agora finalmente superamos o lá de “Alto lá”, só pode ser exercida com tolerantes e não com intolerantes, sendo essa a conhecida regra de ouro da tolerância – uma pausa reverencial preparou a entonação da palavra mágica com tanta graça que pareceu mesmo sair da boca inerte enterrada a sete palmos – *de-mo-crá-ti-ca*. Não fosse coisa divina, sagrada, obra do Senhor, diríamos que o mortodólogo havia entrado numa arapuca preparada pela anje. Seguiu-se então uma longa lista incômoda, enumerada pela sagrada mulher negra, da qual extraímos um pequeno trecho. Os presidentes dos

EUA foram tolerantes? Por que bombardearam o Japão, a Coreia, o Iraque, o Afeganistão, a Síria, tocaram fogo diversas vezes na América Latina, ergueram muros e que tais, segregaram famílias, mantiveram impunes os racistas? E o caso do primeiro-ministro inglês que era, em vida, antes de morrer em vida, o nome x da tolerância e o nome intolerante y do mercado, para não falar das mentiras bélicas, assunto mal esclarecido lá no aquém-Além, mas bem conhecido aqui? E os tolerantes intelectuais brasileiros que difundiram e ainda difundem a fantástica teoria da de-mo-cra-cia racial, segundo a qual os que estupraram se congraçaram de-mo-cra-ti-ca-men-te às que foram estupradas? Desçamos bruscamente para a vizinhança acadêmica. Os colegas de departamento foram tolerantes? Por que apoiaram ostensivas perseguições ideológicas mascaradas por critérios acadêmicos convenientemente discricionários? Por que se calaram diante da retirada de direitos dos mais miseráveis, da santificação do austericídio, por que esconderam suas atividades, digamos, de prospecção aurífera com picaretas acadêmicas sob a forma de projetos de pesquisa? Poderosos de Wall Street são uma minoria. Bilionários são uma minoria. Professores de filosofia da ciência relativistas são uma minoria. Acionistas de conglomerados são uma minoria. Supremacistas brancos são uma minoria. A hierarquia do poder, por definição, faz do topo uma minoria, e pode ser que todas as minorias elencadas (e outras tantas da lista da anje que foram omitidas por economia de escala), *inclusive os supremacistas brancos*, encontrem abrigo na de-mo-cra-cia. Uma longa vida quase toda dedicada à tolerância de-mo-crá-ti-ca não poderia senão culminar num Céu *de-mo-crá-ti-co* e ademais *to-le-ran-te*, capaz de abrigar quantas crenças se queira, bastando torcer o caramelo da linguagem para que y torne-se x e se restabeleça a “verdade”.

O mortodólogo quase soltou outro “Alto lá”, para deixar claro como véu de noiva, que não falava *destas* minorias, mas de minorias realmente minoritárias, como os povos originários que restaram nas Américas, supondo que fossem os tais amazônicos de que falava Rorty. Nem bem o pensamento ressoou em sua não-cabeça e a anje já recordou que esses povos foram um dia maioria onde viviam, antes de terem sido exterminados, como hoje o

são trabalhadoras e trabalhadores de todas as qualidades. O problema é que, prosseguiu a anje, certamente para fazer troça do mortodólogo, na ausência de critérios objetivos, como distinguir, entre as minorias, aquelas que são realmente minoritárias, ou ainda, como aferir, a não ser pela mera quantidade de almas, aquilo que determina o minoritário? Podemos falar de coisas sagradas, para caminhar num terreno que agrada ao Senhor, e aqui recorde uma história que vem bem a calhar. Lembremos de Jó, que em coisa de um espirro de Satanás passou de “homem mais rico do Oriente”, pai de sete filhos e senhor de muitos escravos, a um defunto em vida, apenas para que o Senhor comprovasse ao anjo ruim que havia algo como a fé inabalável. Que não se conteste a forma escolhida pelo Senhor para comprovar o poder da fé e seu próprio poder, mas, cá entre nós, parece ter havido ali um certo exagero, o que só comprova que até a perpétua existência do Senhor conta com suas oscilações, senão de humor, ao menos de paciência. Se humano fosse, diríamos que o Senhor estava, àquela época, com a autoestima em baixa e carente de autoafirmação, tendo inclusive recheado versículos do texto sagrado com carteiradas de toda ordem. Mas sendo a Autoridade que é, somos obrigados a reconhecer que queria apenas escrever por linhas muito tortas, e assim o fez, ao permitir que Satanás privasse Jó de tudo o que antes lhe sobrava, inclusive a saúde. Muito se refletiu sobre as vítimas da santificada aposta do Senhor contra Satanás, sendo Jó em geral apontado como exemplo de impávido sacrificado, estoico por sua própria natureza. Há quem se penalize com os três amigos de Jó, que foram tentados por Satanás e soltaram da língua infâmias terríveis, que lhes custaram uma indefinida temporada no verão no *resort* maligno. Não se esquece, também, o infortúnio da esposa, que não só perdeu os filhos todos, como foi obrigada a viver com um marido miserável, chaguento e, como se não bastasse, de mau hálito. E são mesmo vítimas, fluiu na não-cabeça do mortodólogo, tentando em vão reprimir um juízo que poderia soar hostil ao Senhor. A anje, naturalmente, captou o sentimento, mas fez pouco do caso e concentrou-se no fundamental. O incrível, fez ressoar a alma elevada, é que os sete filhos de Jó e seus inúmeros escravos não sejam regularmente incluídos na conta.

De fato, os primeiros foram mortos e, quando o Senhor restituiu a Jó outros filhos em número ainda maior do que havia antes, não foram *aqueles* sacrificados na santificada aposta. O raciocínio angelical prosseguiu, agora observando que também não se aventa o fatode os escravos serem, como escravos, vítimas *de Jó* já antes mesmo de seu sacrifício. Com isso, não pretendia a anje levantar uma discussão teológica ou de justiça divina, sobre a qual somos todos ignorantes, mas apenas mostrar que a banana amassada da verdade, ou o caramelo linguístico, não oferece nenhum critério para dizer quem, entre o senhor de muitos escravos, sua esposa, seus amigos, seus nababescos filhos sacrificados e os próprios escravos, deve ter a voz amplificada pelos bem-aventurados filósofos que eventualmente falem em seu nome. A anje trazia então uma lição preciosa: se não se pode usar nada no lugar daquilo que um mortal, Putnam, chamou de olho de Deus, a disputa entre quem terá ou não voz nas comunidades de-mo-crá-ti-cas e to-le-ran-tes será – agora sim falamos como nosso mortodólogo – uma disputa entre narrativas. Não poderíamos deixar de registrar o curioso fato de que a anje tenha, neste preciso momento, buscado inspiração em um pensador herético, e ademais ateu, para fechar a conferência semiteológica, semiontológica, semilógica com a conclusão de que a disputa entre narrativas é uma questão decidida na prática e, se a prática é dilacerada em oposições viscerais de diversas ordens, vale a força.

O mortodólogo já estava quase resignado a viver no Céu to-le-ran-te, de-mo-crá-ti-co e nar-ra-ti-vo, mas decidiu apostar alto o destino da própria alma. Só de curioso indagou como seria o Inferno, considerando que o Céu assim já lhe parecia. A anje prontamente esclareceu que o Inferno de um rigoroso irracionalista tem a mesma configuração do Céu de um fanático racionalista, com a diferença de que, como Inferno, representa para quem lá escorrega um flagelo medonho e não uma glória santificada. Para que não pairasse dúvidas sobre a imagem do suplício, a anje prosseguiu dizendo que o Inferno se parecia com a sedução desgastada das explicações de Popper, para quem a verdade era a cenoura que se mantinha sempre distante, por mais que corrêssemos em sua direção com nossos rígidos calçados

metodológicos. A alma que escorrega para esse destino, tendo-o como uma punição e não como recompensa, cumpre o perpétuo sacrifício do cálculo eterno, convertendo-se ela mesma na premissa de um modelo que emprega os mais complexos métodos para revestir com a aura da neutralidade científica as conclusões que se conhece de antemão, todas elas carregadas daquilo que negam. Na não-cabeça do mortodólogo prontamente se formou a imagem de seu próprio professor de filosofia da ciência, que gastou um semestre inteiro para enfiar-lhe na cabeça real-concreta, a do estudante vivo, os sofisticados estratagemas de eliminação da temida metafísica e outro semestre inteiro para demonstrar que os sofisticados estratagemas de eliminação da temida metafísica não eram capazes de eliminar a temida metafísica, de modo que não restava alternativa senão admitir que aqueles procedimentos complexos eram apenas recursos narrativos e/ou pragmáticos. Considerando a companhia que lhe aguardava no seu Céu culturalmente determinado, o complexo modelo infernal figurava como uma tentação. Como sabidamente tentação é o *business* do Capeta, de pronto supôs que se tratava de uma armadilha para que fosse trancafiado com as mesmas figuras abjetas, mas agora transsubstanciado, mediante um mergulho nas águas de Letes, numa alma técnica, complexa, científica. Isso o fez de pronto recordar as mentes técnicas, complexas e científicas de mulheres e homens que serviram no aquém-Além como reguladores devazão das câmaras de gás de Auschwitz, projetistas de cadeiras elétricas, serviçais da indústria armamentista, negacionistas do aquecimento global, inventores de pesticidas cancerígenos, financistas de agências de *rating* e outras prestigiosas funções *técnicas*.

O mortodólogo ficou-se tomado de pavor, sentimento que teria provocado um frio na espinha caso houvesse uma espinha ainda quente para ser resfriada. Céu e Inferno pareciam-lhe algo ainda pior do que opostos igualmente indesejáveis; pareciam-lhe os tais x e y que revestiam com letras distintas a mesmíssima coisa conforme o a e o b almejados e perseguidos em vida ou, para ser preciso, no pós-vida. A anje irrompeu bruscamente no éter com uma imagem tão resplandecente que até morto perceberia, sendo

este mesmo o caso. Seu enfático espectro se conciliava com a resoluta decisão de pôr fim à querela que mobilizava a si e outros anjes e santos para lidar com uma única alma dentre as milhares que invadiam o Purgatório naqueles dias agitados. Se não percebes o Céu como o contrário do Inferno, comunicou com alguma solenidade, é porque o tardio arrependimento não foi suficiente para enxertar em sua alma aquilo que faltou não apenas em sua cabeça real-concreta de metódico irracionalista mas também em seus pensamentos mais prosaicos. A anje referia-se à conhecida dialética, que, em vida, o mortodólogo sempre encarou como o alho que afugenta o vampiro, ainda que tentasse mascarar o asco enfiando a palavra aqui e ali num daqueles artigos de prospecção aurífera que recheavam o lattes da delação premiada. Realmente jamais havia passado em sua cabeça real-concreta, quando vivo, ou em sua não-cabeça, no curto período de morto, a ideia de que Céu e Inferno são contrários dialéticos, irmãos siameses que conformam em sua oposição a dinâmica da eterna morada. Isso não seria possível porque não havia aprendido a pensar a partir das oposições reais, inclusive entre culturas diversas, mas sempre a partir dos olhares culturalmente determinados e sempre circularmente justificados pela determinação cultural.

Acontece que, como havia enfim trazido à consciência o mortodólogo em seus últimos dias no aquém-Além, a resolução pela determinação cultural num ambiente to-le-ran-te e de-mo-crá-ti-co pode dar abrigo e justificativa aos mais insensatos projetos e às mais violentas realizações, desde que a insensatez e a violência estejam bem munidas de armas do dinheiro e do poder na luta pela verdade e nos conflitos de toda ordem. A tardia reflexão autocrítica não chegou a tempo para que pudesse tomar ciência e arrepende-se do único pecado realmente capital para um mortodólogo, o de mascarar que a razão serve apenas a um propósito, a crítica, e a crítica somente para um propósito, a luta. O mortodólogo havia recusado a luta porque era intolerante e potencialmente sangrenta, como se a to-le-rân-cia de-mo-crá-ti-ca fosse amistosa como o Céu dos anjos-protó CEOs. Havia evitado as posições mais firmes porque elas impediam o diálogo, como se pudesse haver alguma interlocução saudável e profunda em linguagem amena entre

um morador de rua e um rico engravatado de Wall Street, entre uma vítima de feminicídio e seu algoz, entre um supremacista branco e uma pessoa de pele negra, entre um transfóbico virulento e uma mulher trans, entre um fanático religioso e um ateu. Havia rechaçado o radicalismo, como se não fosse extremamente radical encarar a infernal vida cotidiana como uma sina celestial a ser suportada diuturnamente, sem qualquer crítica ilustrada, sem qualquer oposição coletiva. Tudo isso conseguiu transmitir a anje com seu curto e incisivo discurso. Aturdido e emparedado pela anje como jamais havia se sentido na condição de intelectual que produz e conduz narrativas revirando o caramelo linguístico, o mortodólogo não teve nem tempo nem ímpeto de dizer um último amém. Sua alma foi sacudida por uma longa e ampla onda etérea, emitida por alguém que ocupa uma posição superior na hierarquia celestial, entre a anje e o Senhor. Embora etérea, a onda escatológica difundia uma rígida sentença que claramente antecedia e antecipava o juízo final: não o perdoai, Senhor, ele sabe o que fez.